

LÚCIA GRANJA

ENTREVISTA ¹



Lúcia Granja é doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (1997). Atualmente, é professora de Literatura e Cultura Brasileiras na UNICAMP (2020) e foi professora de Literatura e Cultura Brasileiras na UNESP entre 2004 e 2019. É bolsista de Produtividade CNPq e

pesquisadora da obra de Machado de Assis, tendo se especializado no estudo das crônicas do escritor e das relações entre Literatura e Jornalismo em sua obra. Estuda também a História do Livro e da Edição no Brasil e em suas relações com a França, sobretudo a História dos livreiros e editores Garnier. Entre suas principais publicações estão: *Machado de Assis, antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Editora da UNESP, 2018; *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras; FAPESP, 2000; *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica da literatura (1789-1914)*. Org. de Lúcia Granja e de Tania Regina de Luca. Campinas; São Paulo: Editora da UNICAMP, 2018 e *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil-França*. Org. de Lúcia Granja e Lise Andries. Campinas; São Paulo: Mercado de Letras, 2015.

¹ Entrevista concedida a Dirceu Magri e Joelma Santana Siqueira em dezembro/2020. Foto: cedida pela autora.

DIRCEU MAGRI/JOELMA SANTANA SIQUEIRA: Cara Profa. Lúcia Granja, primeiramente, gostaríamos de dizer que ficamos muito honrados em contar com a sua presença na *Jangada* para falarmos de literatura, jornal, livros e Machado de Assis. Para começarmos, pedimos, por favor, que comente um pouco sobre as dificuldades (anteriores) e as facilidades (atuais) para o pesquisador que busca as fontes jornalísticas, tendo em vista o avanço recente das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

LÚCIA GRANJA: Caro Dirceu, eu digo francamente que fiquei feliz e honrada com o convite, pelo qual agradeço muito. Sobre sua questão, o panorama alterou-se completamente nos últimos 20-30 anos, no Brasil e no mundo. Quando eu era uma jovem estudante, no início dos anos 1990, havia muitos periódicos na Biblioteca Nacional, que tiveram grande circulação em suas épocas, os quais sequer haviam sido microfilmados. No início dos anos 2000, já usávamos microfiches desses periódicos, na BN e em outros arquivos brasileiros que adquiriam reproduções dos microfiches junto à BN. Mas veja bem: embora a leitura tenha passado a ser feita na tela da leitora de microfiches, e já fosse possível seccionar e ampliar a imagem por meio de lentes, ou mesmo imprimir em papel partes dos textos a partir da tela, a leitura ainda não era digital e não havia, portanto, os mecanismos de busca. Igualmente, para se ter acesso a mais de um periódico ao mesmo tempo, havia gasto de tempo: devolvia-se a bobina de filme em utilização no balcão de atendimento da biblioteca ou arquivo em questão, preenchia-se outra ficha de requisição, esperava-se pelo objeto desconhecido. O acesso digital aos jornais em várias bibliotecas e arquivos do mundo, a partir da segunda década do século XXI, ampliou enormemente as possibilidades de localização de informações, embora os mecanismos de busca não devam ser utilizados como substitutos da leitura integral dos textos e dos periódicos em geral. Como esses documentos agora são muito mais acessíveis, os pesquisadores têm novas fontes à disposição e os periódicos têm sido muito utilizados como material de apoio a todos os tipos de pesquisa, o que é muito importante, mas também como objetos de pesquisa em si, o que propicia o conhecimento de sociabilidades e de mecanismos de circulação e de publicação que não imaginávamos antes. Assim, conhecemos hoje, por exemplo, que, já no século XIX, havia uma propagação quase imediata de notícias e de textos de entretenimento na chamada “civilização do jornal” (boa parte dos países da Europa e América); sabemos que as formas textuais e literárias que preexistiam ao advento da mídia, adaptaram-se a esse novo sistema para criar a escrita periódica; descobriu-se que havia, nos diferentes países, a publicação de vários

periódicos em língua estrangeira; tem-se valorizado, em vista de tudo isso, a colaboração dos escritores nos jornais, como no caso de Machado de Assis, cuja escrita literária recriou a forma dos textos e suportes nos quais a ficção machadiana circulava.

JSS: Seu último livro, *Machado de Assis - antes do livro, o jornal*. Suporte, mídia e ficção, publicado em 2018, dá continuidade “a estudos que propõem um novo modo de compreender a história literária no século XIX, o que reverbera na discussão a respeito do ‘talento individual’ de um escritor da envergadura de Machado de Assis”. De que modo as pesquisas sobre a presença do escritor Machado de Assis na imprensa ampliam as possibilidades de leitura de sua obra?

LÚCIA GRANJA: Vou responder adaptando palavras do próprio livro. Quando comecei a editar as crônicas machadianas com John Gledson em 2002, lendo-as nos próprios periódicos (em microfilmes, naquela época, lá no Arquivo Edgar Leuenroth, IFCH, UNICAMP), com o objetivo de bem compreendê-las e de recontextualizá-las em notas, percebi, naquela leitura frequente dos jornais cotidianos da época de Machado, a relação existente entre as crônicas, contos e romances, considerando-se a materialidade e ambiente textual de seu suporte de acolhimento, no que tange a uma revisão crítica do conteúdo dos periódicos e a um reaproveitamento das formas. Isso levou-me a expandir o olhar que se fixava na ideia da relação entre textos e suporte periódico para a de sistema midiático, o que me fez entrar em contato com os trabalhos de Marie-Ève Thérenty, que comecei a divulgar aqui no Brasil, a partir de 2009, depois de ter feito um pós-doutorado na França. Segundo ela, nesse sistema do qual, como eu indiquei, o periódico cotidiano era peça protagonista, emprestava-se à literatura as novidades do jornal (ritmo, escrita coletiva, periodicidade, entre outros), ao mesmo tempo em que se compunha a matriz jornalística pela escrita narrativa e esquemas retóricos que vinham da literatura. Voltando a Machado de Assis, boa parte da novidade literária, em termos de “Poética”, resulta da transformação das características midiáticas do texto periódico em seu suporte em novidade literária. Um bom exemplo, é o caso de capítulos digressivos ou autorreflexivos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cujas técnicas e maneirismos já foram interpretados, entre várias outras leituras, como regra de composição narrativa ou estilização de uma conduta própria à classe dominante (Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, 1990, p. 16); como tendo incorporado à narrativa o problema da recepção, em variados níveis, desde a textualização dos leitores comuns e críticos até a indicação não pedagógica dos significados a se extrair da leitura tão pouco palatável (Hélio

Guimarães, *Os leitores de Machado de Assis*. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX, 2004, p. 175-193); como respondendo a uma “forma shandiana”, caracterizada pela presença constante e caprichosa do narrador, por uma técnica de composição difusa e livre, pela interpenetração do riso e da melancolia e pela subjetivação radical do tempo do espaço (Sergio Paulo Rouanet, *Riso e melancolia*. A forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis, 2007). Voltando aos capítulos digressivos ou autorreflexivos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a leitura “midiática” das novidades literárias mostra que, em muitos deles, os cortes e as transições entre os capítulos aparecem como protagonistas, como explicarei. Lembro aqui que a narrativa foi publicada como um romance seriado nas páginas da *Revista Brasileira*, entre 15 de março e 15 de dezembro de 1880. Certamente, *Brás Cubas* foi concebido para ocupar a forma “livro”, seguidamente às páginas dos periódicos. Mostram-no a republicação em livro, pela Typographia Nacional, menos de um ano depois de seu aparecimento. Mas, olhando para *MPBC*, no periódico e no livro, revela-se a grande intimidade que a escrita ficcional de Machado de Assis tinha com os suportes periódicos. Um exemplo claro é a leitura paródica, nas transições quinzenais, do efeito desconcertante que produziu o uso (e abuso) dos cortes de capítulos no romance-folhetim. Nas folhas brasileiras, aconteceu, muitas vezes, que, na adaptação dos romances-folhetim traduzidos aos espaços do rodapé, não se tenha respeitado uma das características principais daquelas narrativas, o efeito de suspense que o final do capítulo criava para que o leitor voltasse à leitura no dia seguinte (os cortes podiam ser arbitrários, de acordo com o espaço disponível). Em *MPBC*, no capítulo IX, por exemplo, chamado “Transição”, que era justamente um capítulo de transição do romance, existem efeitos que desconcertam propositadamente o leitor, se esse buscasse a forma da narrativa seriada do romance-folhetim: a transição era uma sinalização da perícia narrativa de um narrador imperito, defeituoso como autor da forma a que se dedica no periódico. Em outra oportunidade, o capítulo de transição “Volta ao Rio”, apresenta um forte interesse à medida que encerra uma sequência de oito capítulos onde há uma enorme aceleração da narrativa (dos amores por Marcela até a volta ao Rio depois da viagem à Europa, obtenção do grau de bacharel e boa vida no velho continente). Essa aceleração, contida pela fórmula repetida “Não, não nos alonguemos neste capítulo”, evita que se conte justamente o que houvera de mais “romanesco” na longa estadia de Brás Cubas na Europa, de estudante em Coimbra e turista por vários países e regiões. Por meio desses procedimentos, decalca-se o tipo folhetinesco, que permanece sulcado pela elisão máxima do enredo, e coloca-se em evidência não apenas o narrador/autor, mas a materialidade plástica e composicional da personagem e do

livro, com os efeitos todos que se podem auferir desse novo protagonismo dos elementos advindos da narrativa folhetinesca.

DM: Até os anos de 1980, os escritos aos “rés-do-chão” de Machado de Assis, em breve remissão a Antonio Candido, eram relativizados em relação aos seus romances e contos. Além dos aspectos literários, que garantem a legibilidade de suas crônicas até os nossos dias, que outros aspectos de Machado de Assis cronista merecem destaque?

LÚCIA GRANJA: Tenho demonstrado, ao longo de minha carreira, a fundamental importância que a forma jornalística adquire na composição da novidade literária da prosa machadiana. Além disso, Machado de Assis foi um notável intérprete da sociedade brasileira.

JSS: Voltando ao livro *Machado de Assis - antes do livro, o jornal*, no capítulo “Outra contribuição da crônica: literatura e plasticidade”, a Sra. discute aproximações interessantes entre os escritores Machado de Assis e Théophile Gautier, destacando que “havia na época uma espécie de lugar-comum das citações, um repertório das citações constituídos informalmente pela crescente circulação dos impressos e das leituras deles, partilhamentos assegurados por uma cultura comum”. O que pode nos revelar essa circulação sobre o público leitor contemporâneo de Machado de Assis?

LÚCIA GRANJA: Na verdade, a ideia é a de que havia uma comunidade mundial de leitores, ao menos daqueles circunscritos pela “civilização do jornal”, que compartilhavam dos mesmos meios, práticas, referências e textos, em diversas traduções, considerando um curto espaço de tempo para que esses leitores tivessem acesso às mesmas formas de leitura e às mesmas notícias, textos de ficção, de divulgação científica, entre outros. Essas últimas são algumas conclusões de um importante projeto internacional de pesquisa (Temático FAPESP, “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”), que podem ser mais bem compreendidas pela leitura dos três livros que resultaram dele, todos publicados pela Editora da UNICAMP: ABREU, Marcia (org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*, 2016; GRANJA, Lucia e LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1889-1914)*, 2018; LEVIN, Orna Messer e PONCIONI, Claudia (orgs.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1889-1914)*, 2018.

DM: Recentemente descobriu-se uma biografia de D. Pedro II cuja autoria foi creditada a Machado de Assis. A Sra. acredita que os jornais oitocentistas contêm informações importantes

que, para serem bem lidas, dependem do olhar do pesquisador familiarizado com a vida e a obra do escritor?

LÚCIA GRANJA: Completamente! É o cruzamento entre o que se sabe da biografia do escritor, novos documentos transformados em fontes e uma leitura avaliativa das interpretações críticas que nos levará a novas percepções e hipóteses sobre o homem Machado de Assis e sua obra.

DM: No século XIX, a imprensa quotidiana emprestava à literatura suas novidades, quais sejam, ritmo, periodicidade e até mesmo a restrição de espaço, algo que Machado vira e mexe menciona em suas crônicas. A Internet, suporte que reproduz a matriz jornalística oitocentista, ao menos no que se refere às notícias, embora traga uma imagem infinita do espaço, limita-o ao máximo. Para isso, basta lembrarmos do *Twitter*, que até bem pouco tempo limitava os textos a 140 caracteres e hoje a 280. Podemos desconfiar que o leitor atual não leria as crônicas machadianas, muitas das quais, ao serem transplantadas para o formato livro, totalizam 12, 14 e até mesmo 16 páginas. A velocidade que a imprensa imprimiu ao século XIX, hoje parece se voltar contra o seu consumidor, o leitor. Perguntamos: o jornal, que para Machado fora a alavanca de Arquimedes (*O jornal e o livro, Correio Mercantil, 1869*), hoje mantém-se nessa função?

LÚCIA GRANJA: Como digo no livro *Machado de Assis - antes do livro, o jornal: Suporte, mídia e ficção*, os jornais do XIX dão forma às páginas da internet e, acrescento aqui, à grade da TV aberta (notícias e entretenimento), e mesmo a formas contemporâneas de entretenimento como a de “maratonar” séries em streaming. Os leitores do XIX podiam ver as notícias e a ficção nas folhas diárias; podiam criar de maneira mecânica ou mnemônica a remissão de um texto a outros (nossos *hiperlinks*); podiam “maratonar” os romances-folhetins, que eram imediatamente republicados em livro, permitindo novas leituras e novos cortes/pausas nessas histórias. Hoje em dia, o jornal impresso permanece como repositório de formas de nossas “novidades velhas”, como o *Twitter*. O jornal do XIX já publicava telegramas de notícias e opiniões, com espaço reduzido de caracteres. Com certeza, a mídia digital é a nova alavanca de Arquimedes, à medida em que disponibiliza formas e informações. Vivenciamos, no entanto, o problema do acesso crítico a um conteúdo de qualidade, o que deixaria Machado de Assis ainda mais cético do que foi nos anos posteriores a este do texto que você menciona.

DM: Nos periódicos oitocentistas até mesmo as notícias de cunho político e ou comercial apresentavam procedimentos retóricos provenientes da literatura. Hoje, afora o desaparecimento dos críticos literários, que opinavam e orientavam seus leitores a respeito das obras que vinham à luz, nem mesmo os semanários de literatura sobreviveram nos grandes jornais. Os *blogs*, repositórios de algum comentário literário, raramente chegam a ser críticos e se pautam pelo “gosto/não gosto”. Machado, no texto mencionado acima, questiona: “O jornal matará o livro? O livro absorverá o jornal?”. Na sua opinião, o que aconteceu?

LÚCIA GRANJA: Dirceu Magri, eu não saberia responder a esta questão nesses termos. Insisto: o jornal e o livro são repositórios de nossas formas textuais atuais e, em nosso tempo, eles coexistem com as novidades dele derivadas: *blogs*, *e-books*, postagens em mídias sociais (o jornal do XIX também aproximava as pessoas por uma sociabilidade mediada). Não sei se o jornal e o livro impressos resistirão ao eletrônico, mas ali estão como memórias das formas.

DM: Para concluir, se os periódicos oitocentistas têm sido campo fértil para a garimpagem de escritos de toda a sorte de gênero, assim como de escritores hoje desconhecidos do grande público, o que dizer para um pesquisador iniciante que queira se aventurar por esta seara?

LÚCIA GRANJA: Como proponho no livro, eu acho que os periódicos oitocentistas devem ser compreendidos como um sistema midiático, sendo ele mesmo um universo textual dinâmico. A circulação das formas textuais se fazia constantemente no hipertexto do periódico cotidiano, criando uma referencialidade e literaridade² deslizantes, em que as transferências entre escrita literária (aí inclusa a ficcional) e jornalística são grandes e constantes. Nesse mesmo processo, a escrita jornalística foi inventada a partir do repositório de formas oferecidas pela literatura, além de operada pelos homens de letras. A partir daí, a estrutura fragmentada que alimentava e dizia a sensibilidade moderna forneceu modelos para as nossas próprias revoluções (literárias, das vanguardas do XX, estéticas em geral, midiáticas etc.).

² O neologismo “literaridade”, que reproduziremos neste trabalho, foi usado por Marie-Ève Thérénty para descrever um dos fenômenos da “Poética” dos jornais no XIX, em *La littérature au quotidien. Poétique journalistiques au XIX^e siècle*, 2007, p. 121-134.